

Materiais não-bibliográficos nas bibliotecas escolares

ANA MARIA ATHAYDE POLKE *

Alguns bibliotecários relutam em assumir a responsabilidade quanto à colocação dos meios não-bibliográficos em suas bibliotecas. Apresentamos um relato compreensivo de seu ponto de vista, contrapondo-se-lhe perspectivas alternadas. O tipo de biblioteca aqui considerado é a biblioteca escolar.

ESTÃO OS BIBLIOTECÁRIOS RELUTANTES EM RELAÇÃO AOS MATERIAIS NÃO-BIBLIOGRÁFICOS?

Sim. Não resta dúvida de que parte dos bibliotecários relutam em assumir a responsabilidade pelo uso de materiais não-bibliográficos. Como evidência de tal proposição, podemos citar a afirmação de um profissional que teria dito: "Se a Universidade quer incorporar tais materiais em minha biblioteca, vou procurar outro emprego" (4, p. 24). "Encontram-se frases semelhantes na literatura. Uma outra evidência é o aparecimento de especialistas em audiovisuais que vêm assumindo tarefas que seriam do bibliotecário. Muitas expressões têm aparecido também, pretendendo substituir a palavra biblioteca nas instituições educa-

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

cionais, como por exemplo, "Centro de Recursos", "Centro de Recursos de Aprendizagem", "Centro de Materiais de Instrução", "Centro de Meio", "Centro de Comunicação para Instrução", "Centro de Estudo Auto-Dirigido pelo Estudante", "Serviço de Recursos Unificados", "Centro Modelo de Aprendizagem Individualizado".

Mackenzie e outros autores referidos por Enright (4, p. 115) concluíram que "as universidades e escolas deveriam programar uma organização de recursos de aprendizagem, considerando as desvantagens que adviriam da operação independente das bibliotecas e dos novos centros de meios... Tal perspectiva parece-nos um objetivo legítimo e desejável e seria lamentável que a sua consecução fosse dificultada pelo conservadorismo dos bibliotecários e pelo isolacionismo dos especialistas em meios". (4, p. 115).

Por que o conservadorismo dos bibliotecários? Será a biblioteconomia incapaz de se ajustar ao contexto sócio-cultural em mudança? Antes de admitirmos isto, vejamos algumas razões para a relutância.

RAZÕES PARA A RELUTANCIA

Se...

Parece que há uma falta de compreensão ou de confiança entre a atuação dos bibliotecários e dos novos especialistas em meios.

Mas...

Seria desejável que houvesse uma colaboração entre ambos. Norman Mackenzie (4, p. 29) observa que "não há dicotomia entre os livros e os outros meios em educação, entre os especialistas da nova tecnologia educacional e os bibliotecários. Ao contrário, são colaboradores; devem se colocar como colaboradores". Nos EUA, Graham iniciou o volume do *Library Trends* sobre a "mudança na

natureza das bibliotecas escolares", afirmando que "É opinião do editor deste volume do *Library Trends* que as bibliotecas escolares atingiram agora este invejável estágio de mudança. Existem sinais animadores. Um casamento ocorreu em 1969, quando da apresentação do "Standard for School Media Programs" preparado conjuntamente pela "American Library Association for School Libraries" (ALA) e o "Department of Audiovisual Instruction" (NCA). Antigamente, eram realizados casamentos de conveniência para consolidar e aumentar riqueza, influência e prestígio, para produzir uma dinastia forte... Cada parte se orgulha de sua herança e da contribuição prestada à educação americana..." (7, p. 343).

Uma outra razão é que foi muito enfatizada a possibilidade dos novos meios substituírem o livro. Pouca atenção se deu às maneiras pelas quais cada um pode e deve complementar os outros.

Também há o exagero de alguns especialistas em meios, que se exprime no slogan dos comunicadores de massa: "Uma imagem equivale a 1000 palavras".

Alguns profetas do desaparecimento do livro ainda estão enviando suas mensagens "antilineares" através da imprensa. Os meios não são substitutos dos livros mas suplementos e complementos dos mesmos.

Pergunta-se: vale a imagem 1000 palavras?

A literatura dos novos meios está muito voltada para "os equipamentos" e pouco para a sua programação". O "sub-produto", isto é, o efeito do meio no processo de aprendizagem quase não tem sido considerado. "Parece que muitas pessoas, ao enfatizarem mais os meios do que as mensagens, esqueceram-se de que os meios educacionais são meios para atingir um fim específico e não fins em si mesmos". Krempel, citado em Enright. (4, p. 19).

Houve tempo em que os objetivos da biblioteconomia se voltavam apenas para o controle bibliográfico. Despertando deste conceito errôneo, os bibliotecários perceberam que devem lidar com um tipo diferente de instituição com diferentes solicitações. Mais de uma vez, na história da biblioteca, houve necessidade de mudança. A biblioteca tem respondido à mudança, procurando antecipar e ir de encontro aos interesses e necessidades de seus usuários.

Agora, gostaria de colocar o problema de uma maneira mais provocativa. **POR QUE NÃO?** Por que não assumir a responsabilidade pelos materiais não-bibliográficos?

Inicialmente será bastante útil rever alguns conceitos.

CONCEITOS DE MEIOS. CENTRO DE MEIOS E DE BIBLIOTECA NAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

Existem dificuldades terminológicas a respeito dos materiais tradicionalmente manifestados pela biblioteca. Tentativas têm sido feitas no sentido de isolar os novos meios dos materiais bibliográficos, através do termo materiais não-bibliográficos ("non-books materials"). O termo é problemático e tem sido usado de forma ambígua, incluindo materiais impressos reproduzidos em outra forma que não a de livro. Um inquérito recente, feito para catalogação de multi-meios, adotou a seguinte definição: "todos os meios que

contenham informação que não se apresente de forma verbal, numa seqüência linear, impressa em papel ou por reprodução direta do mesmo". Trata-se de uma definição negativa, abrangendo tudo o que não é livro. (4) Os meios foram agrupados pela LA, NCET (Library Association e National Council for Educational Techonology, Londres) em três tipos principais:

1. *Gráficos e representações tridimensionais* tais como: Diorama, filme fixo, jogo, modelo, diapositivo, transparência;
2. *Imagens em movimento*, como: filme cinematográfico, filme contínuo, videodisco;
3. *Registros de som*, como: disco, fita. Uma lista completa desses descritores de forma pode ser encontrada nas regras de catalogação da LA NCET. (9)

"O centro de meios é um dos poucos lugares na escola onde o indivíduo, sob a liderança de um professor, em cooperação e com a orientação de um bibliotecário de meios pode buscar sua aprendizagem personalizada, em termos de interesse, nível. . . O centro de meios pode ser uma força poderosa na eliminação de muitos obstáculos à aprendizagem individualizada na escola". Weller, citado por Enright (4, p. 112).

Segundo Beswick (1), a biblioteca na instituição educacional é "a coleção de todos os tipos de recursos de aprendizagem, juntamente com os equipamentos para sua utilização e produção. A coleção de livros aí se inclui obrigatoriamente, bem como as facilidades de provisão e de recuperação da informação para indivíduos e grupos, alunos e professores. O termo nem sempre implica numa relação direta com a produção

dos materiais, nem necessariamente na centralização física de todos os recursos, mas no seu conhecimento e localização”.

IMPRESSOS E NÃO-IMPRESSOS: INTERRELAÇÕES

As interrelações entre materiais impressos e não-impressos são tão complexas que o livro, a despeito de seu caráter único, foi afetado pelos desenvolvimentos modernos. Atualmente, está sendo produzido em diferentes formatos, desde pacotes de folha até em cartões 12,5 cm × 7,5 cm, em edições compactas com lentes de leitura, impresso por computador, microfilmado por computador (COM), em fita magnética ou perfurada, em micro-filme, ultraficha ou PCMI. Alguns livros infantis apresentam ilustrações que os jovens leitores podem cheirar. (4, p. 80). Sob vários aspectos, os novos meios têm muita afinidade com o livro. Os chamados meios híbridos, como livros acompanhados de diapositivos, fita, disco, ou filme fixo, têm aumentado. Exemplo disto é a série “The visual history of the 20th century”, uma produção integrada de livros e videocassetes, publicada pela Oxford University Press. É difícil prever todas as possíveis combinações ou hibridações dos meios impressos e não-impressos. . . . O livro tem sido durante muitos séculos o centro do processo de aprendizagem no seu sentido amplo. Não há dúvida de que assim permanecerá. Entretanto, temos que reconhecer também que outros meios foram inventados e desenvolvidos e que alguns auxiliam o acesso às mensagens por diferentes órgãos do sentido para os grupos ou para indivíduos. (4, p. 71-80).

OS MEIOS NÃO-BIBLIOGRÁFICOS E A BIBLIOTECA

A seguir apresentaremos os prós e os contras à inclusão dos meios não-bibliográficos na biblioteca. Baseiam-se num estudo minucioso do trabalho já mencionado de Enright. O assunto foi ordenado de maneira nova, que supomos mais didática, e de forma a permitir o acréscimo de algumas observações pessoais. Temos sempre em mente a biblioteca nos contextos educacionais.

COMPLEXIDADE DOS PROBLEMAS BIBLIOTECÁRIOS CONTEMPORÂNEOS

— Como manipular e controlar a explosão da informação em livros e materiais não-bibliográficos, a “hemorragia de livros”, na expressão de Bernal? Os novos e complexos equipamentos desenvolvidos exigem novos conhecimentos do bibliotecário. Também os serviços bibliotecários se tornaram mais complexos e mais caros.

— A medida que os computadores possibilitam a satisfação de novas e crescentes necessidades e expectativas dos usuários, a provisão dos recursos financeiros torna-se problemática, provocando frustração em vários bibliotecários, já que as bibliotecas estão sobrecarregadas com a organização da demanda convencional.

Se os bibliotecários pretendem um status profissional, têm que enfrentar a complexidade do conhecimento, uma característica importante de qualquer profissão.

A prática de profissões, reconhecidas como tal no século passado, baseia-se num relacionamento muito direto entre o profissional e o seu cliente. De acordo com a perspectiva sociológica, uma boa base de conhecimento é necessária a qualquer profissão. (10, p. 141). Se o conhecimento necessário é muito amplo, o campo tende a se subdividir, dando origem a novas especialidades. Se, ao contrário, é muito restrito, muitas pessoas podem ter acesso fácil ao conhecimento determinando o desaparecimento da procura do profissional pelo leigo (4, p. 141). A Biblioteconomia é uma disciplina que lida com a organização do conhecimento.

— A produção dos meios expande-se rapidamente. Os materiais existentes já são muito numerosos e se apresentam em vários formatos, criando dificuldades de organização.

... Os meios não-bibliográficos devem ser considerados importantes fontes de comunicação, parceiros naturais do livro. A incorporação à biblioteca dos novos meios, destaca o seu objetivo básico, a informação, independentemente da forma que assuma. Também faz com que cresçam suas responsabilidades no processo de comunicação a partir das necessidades dos usuários, intensificando seu relacionamento pessoal com os clientes.

O usuário da informação, William Quinly (4) sugere que os bibliotecários ao resistirem aos novos meios, se colocam em competição com novos serviços desejosos de aceitar o desafio. Estas atividades paralelas diluirão tanto o papel das bibliotecas, como o apoio financeiro a elas destinado.

DOMINANCIA DO LIVRO

— A biblioteca, depois de 500 anos de imprensa e longa convivência com os registros escritos, se identificou demais com o livro. E de tal modo que uma ameaça ao livro é considerada uma ameaça à própria biblioteca. O aparecimento de novos materiais tem sido recebido com compreensível suspeita e ansiedade. Particularmente se levarmos em conta a afirmação: "O futuro do livro já está sendo

Seria mais proveitoso que os bibliotecários se preocupassem com as maneiras pelas quais os livros e os outros meios interagem e se desenvolvem em conjunto. Nenhuma divisão ou subtração, mas somatório do livro, tendo em vista os vários recursos para a instrução. Comenius, há 300 anos atrás, colocava o problema da educação individualizada, de acordo com o ritmo e o estilo de cada um, fora da sala de

questionado, e como repositório de conhecimento factual, já está sendo substituído pelo computador... O videoteipe é outra ameaça ainda maior às bibliotecas... assim o computador e o videoteipe... podem eliminar áreas totais de material impresso."

A morte do livro foi profetizada muitas vezes, mas o paciente ainda exibe saúde. Porém, não devemos afastar a possibilidade de que o mundo impresso, como fonte de informação, possa ser substituído. (4, p. 148).

Devemos admitir também, pelo menos inicialmente, que a maneira pela qual os meios têm sido produzido não estimula os bibliotecários a se responsabilizarem por eles...

aula, preparando o estudante para uma educação contínua e permanente. O bibliotecário pode identificar seu papel nesse processo, procurando intensificar o uso de outros meios além do livro. Não há razões para sentir-se culpado devido à sua lealdade e afeição ao livro.

"Talvez seja bom lembrar que o livro foi em muitas ocasiões olhado com reserva e que o conflito entre a palavra falada e a escrita é antigo.

Sócrates lamentava a expressão em caracteres escritos, de maneira semelhante ao intelectual contemporâneo que não gosta dos novos meios educacionais e da televisão. Durante o século XVIII foi uma luta a introdução do livro texto porque se considerava que o professor competente deveria dedicar seu tempo a exposições e que somente os incapazes usavam o livro, considerado um argumento de ignorância e incompetência.

Não há dúvida de que as primeiras reações aos meios de comunicação de massa se repetiram mais tarde, quando de seu emprego na educação. A televisão foi chamada de "chicletes para o olho" por Francis Lloyd Wright".

AUSENCIA DE PROCEDIMENTOS EM BIBLIOTECONOMIA PARA O TRATAMENTO DOS MULTI-MEIOS

— Observa-se que há pouca orientação prática em Biblioteconomia para a organização dos meios, relativamente à que existe para os materiais bibliográficos. Muito trabalho ainda está por ser feito na área dos materiais não bibliográficos. Como obter informação segura e atualizada sobre os meios, seu conteúdo, forma e acesso?

Já existem indícios que revelam o crescente interesse dos bibliotecários e das associações profissionais numa colaboração com os especialistas de meios. "The non-book materials cataloguing rules" (9) são uma revisão das Regras de Catalogação Anglo-Americana preparadas pela Library Association e o National Council for Educational Technology. O mesmo grupo da LA/NCET fez circular entre seus membros a edição preliminar de uma revisão muito drástica das regras de catalogação para materiais não-bibliográficos de grandes coleções.

Para organizar coleções pequenas foi indicado o Código Canadense. O The British National Film Catalogue é outro exemplo de como técnicas usadas em materiais bibliográficos podem ser usadas para a descrição de materiais não-bibliográficos. Uma numeração padrão para materiais não-bibliográficos foi imaginada por C.M. Jenkins.* As idéias de padronização internacional da IFLA, o ISBD(M) — International Standard Bibliographical Description for Media —

* JENKINS, C.M. *Standard numbering for nonbook materials*. (British Standards Institution / Project in development).

podem ser encontrados na comunicação preliminar de M. Shifrin.**

A Biblioteca do Congresso (U.S) publicou em 1970 *Films a MARC format; specification for magnetic tapes containing catalogue records for motion pictures, filmstrips, and other pictorial media intended for projection.*

Planejado para catalogação por computador existe o "*Standards for cataloguing, coding and scheduling* (12).

** SHIFRIN, Malcolm. The outline ISBD(M) in relation to LA/NCET: a preliminary note. *The audiovisual librarian*, 2(3):115-120. Winter, 1975.

A disseminação seletiva da informação é trabalho de muita utilidade e as propostas do NCET refletem nos EUA a atividade do National Centre for Educational Media (NICEM) na Universidade da Califórnia. O NICEM mantém um banco de dados contendo — mas não se limitando a — 170.000 títulos de entrada principais para os seguintes meios: filmes de 16 mm, filmes fixos de 35 mm, filmes contínuos de 8 mm, gravações, fitas, videoteipes e transparências.

Fornece serviço de catalogação para centros audiovisuais e bibliotecas e tem também um grande arquivo de nomes de produtores e distribuidores de meios. (16)

Estes são alguns exemplos do que tem sido feito no campo. Em termos de cooperação, os bibliotecários têm se mostrado muito ativos. Embora ainda existam problemas em relação ao intercâmbio de materiais não-bibliográficos e de informações a seu respeito, não há razões para o desenvolvimento de um sistema diferente do das bibliotecas.

PROBLEMA DE FORMATO DOS MULTI-MEIOS

Considerando a armazenagem e o acesso aos materiais não-bibliográficos de diferentes tamanhos, espessuras e formatos, muitos problemas aparecem. Por exemplo, o peso dos filmes de televisão, a temperatura para a conservação de alguns materiais, o acondicionamento e controle de diapositivos, filmes fixos, kits, etc.

O acesso à informação contida nos meios exige muitas vezes equipamentos especializados e complexos.

Também o acesso direto e casual (browsing) apresenta dificuldades.

Outro aspecto a ser considerado é o controle da qualidade e da integridade dos itens emprestados. É muito trabalhoso.

A incorporação à biblioteca dos novos meios de informação permite que ela estabeleça, com mais segurança, sua contribuição ao processo de aprendizagem e, em consequência, seu reconhecimento como um instrumento básico de educação. Novos níveis de habilidades se fazem necessários e muitos bibliotecários já se compenetraram das novas responsabilidades que terão de enfrentar para fornecer recursos e serviços que permitam uma aprendizagem mais eficaz de seus usuários.

Têm merecido muita atenção a instrução formal no uso das bibliotecas e da literatura bem como a orientação informal através dos serviços aos leitores.

Os serviços de alerta e de disseminação seletiva da informação, através de notificações correntes baseadas em perfis

de interesse dos usuários, têm sido muito enfatizados. Alguns bibliotecários, em resposta às novas demandas e até antecipando-as, têm ampliado suas atividades de orientação na apresentação do material educacional.

INSTABILIDADE DOS MATERIAIS NÃO-BIBLIOGRÁFICOS

Alguns produtos costumam ficar obsoletos antes mesmo de chegarem ao mercado. As listas de equipamentos devem ser revistas constantemente para aprovação financeira. Os materiais não-bibliográficos são instáveis. Os bibliotecários são obrigados permanentemente a imaginar novos procedimentos, mas ficam embaraçados com os problemas de custo e de destinação de materiais superados. A "limpeza" de uma gravação, a "desmagnetização" e "limpeza" de um videoteipe, relacionam-se com o caráter mutável dos meios.

Muitos bibliotecários têm desenvolvido, por força de necessidade, procedimentos razoáveis para o tratamento de material impresso de natureza efêmera.

Conseguir um equilíbrio entre uma documentação adequada para o usuário e os custos operacionais da biblioteca é um problema para todo bibliotecário.

Considerando os diferentes campos do conhecimento, observa-se que a mudança nas informações não ocorre com a mesma velocidade em todos eles. Fatos relativos a política, processos fabris, moda, etc., são mais efêmeros.

Já o átomo, a árvore e a hiena, apresentam a mesma natureza durante séculos. Há outro aspecto a se levar em conta no problema de mudança. O objeto de estudo pode permanecer estável, mas a informação a seu respeito pode crescer rapidamente como é o caso da lua.

Como regra geral, para assuntos muito efêmeros, devem ser selecionados para compra os meios mais baratos, alugando-se os mais caros. Dessa forma a substituição se faz mais facilmente. Para conceitos que mudam mais lentamente, podem ser adquiridos itens mais caros. (3, p. 57).

PROBLEMAS DE COPYRIGHT

Os materiais não-bibliográficos apresentam problemas maiores de copyright para os bibliotecários do que fotocópias e microfimes de material impresso. Estas complicações aumentam a falta de interesse dos bibliotecários pelos materiais não-bibliográficos.

O National Council for Educational Technology deu uma grande contribuição publicando uma descrição do estado atual dos problemas de copyright dos meios e orientando negociações com objetivos de sanar algumas dificuldades atuais. (11)

Na França, em março de 1975, foi assinado pelo Secretário de Estado em nome das Universidades e pelo Presidente do Inter-Trade Group of Audiovisual Communication um acordo em que o produtor e o editor se obrigam a depositar uma cópia de seus produtos na Biblioteca Nacional de Paris antes de vendê-los ou distribuí-los. Os importadores devem agir da mesma forma.

A "Bibliographie de la France" ficou encarregada de registrar esse depósito. (13)

O título deste artigo é uma indagação. Gostaria de terminá-lo com uma indagação e uma resposta, citando Harold Goldstein. (6, p. 264).

... "Deve ou não a biblioteconomia assumir e usar completamente esses recursos atualmente disponíveis na tecnologia moderna da comunicação e da informação para prestação de serviços e auxílio no processo de treinamento?"

Se não, por mais orientados para os livros que sejam os serviços, correm o risco de se comprometerem e se isolarem, dando margem a que outras especialidades e serviços assumam as funções mencionadas.

Não precisamos de brinquedos e truques audiovisuais, mas de uma tranqüila apreciação de dois fatos:

1. um desempenho responsável da biblioteca deve incluir o fornecimento de todo tipo de meios de comunicação registrados;
2. o processo de educação profissional pode se beneficiar muito com o uso da nova tecnologia de comunicação.

Some librarians have hesitated to adopt nonbook responsibilities. A sympathetic account of likely reasons are given, and also alternative considerations are suggested, that might lead them to change their minds. The type of library, here considered, is the school library.

BIBLIOGRAFIA

1. BESWICK, Norman. *Organizing resources; six case studies.* London, Heinemann Educational Books, c. 1975. 369 p.
2. BOWIE, B. Lucile. Changing perspectives in educational goals and knowledge of the learner. *Library Trends*, 17(4):346-54, Apr. 1969.

3. BROADUS, Robert N. Selection and acquisition. In: GROVE, Pearce S. *Nonprint media in Academic libraries*. Chicago, American Library Association, 1975. 239 p.
4. ENRIGHT, B.J. *New media and the library in education*. London, Clive, Gingley, c. 1972. 162 p.
5. ———. New media and the library. In: *The ART of the librarian: a collection of original papers from the Library of the University of Newcastle upon Tyne*. Oriol Press, c. 1973. p. 22.
6. GOLDSTEIN, Harold. The importance of newer media in library training and the education of professional personnel. *Library Trends*, 16(2):259-65, Oct. 1967.
7. GRAHAM, Mae. Introduction; The changing nature of the school libraries. *Library Trends*, 17(4):343, Apr. 1969.
8. HALLWORTH, F. Public libraries and resource centres. *Library Association Record*, 74(3):39, Mar. 1972.
9. LIBRARY ASSOCIATION. London. Media cataloguing rules Committee. *Non-book materials; cataloguing rules. Integrated code of practice and draft of the Anglo-American Cataloguing Rules. British Text, part III*. Huddersfield, National Council for Educational Technology with Library Association, c. 1973. 129 p.
10. MUSGRAVE, P.W. *The sociology of education*. London, Methuen, c. 1972. 376 p.
11. NATIONAL COUNCIL FOR EDUCATIONAL TECHNOLOGY (NCET) and the rights of producers and authors in new media rights in recorded material. London, 1969.
12. NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION. Department of audiovisual instruction. *Standards for cataloguing, coding and scheduling educational media*. New York, 1968.
13. PROTOCOLE d'accord pour le depot legal des produits audiovisuels. *Bulletin Bibliothèques de France*, 20(5): 215-8, May, 1975.

14. RAVIIOUS, G.P. *A survey of existing systems and current proposals for the cataloguing and description of non-book materials collected by libraries with preliminary suggestions for their international co-ordination.* Paris, Unesco, 1975.
15. TOPPER, Louis. Some problems and pointers for those introducing Av materials into the library. *Wilson Library Bulletin*, 47(1):42-5, Sept. 1972.
16. TREBBLE, A. Progress in documentation: non-book materials. *Journal of Documentation*, 28(2):151-159, June, 1972.